

O que está escondido diante dos olhos? Errância, paisagem e memória no Cais do Valongo

SESSÃO TEMÁTICA: PROCESSOS FORMATIVOS SOBRE A PAISAGEM

Ana Cecília Mello da Silva Braga

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo

E-mail: ceciliabrag17@gmail.com

Bárbara Ferreira Muniz

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Belas Artes (EBA), Curso de Paisagismo

E-mail: barbaraferreiramuniz.com

RESUMO

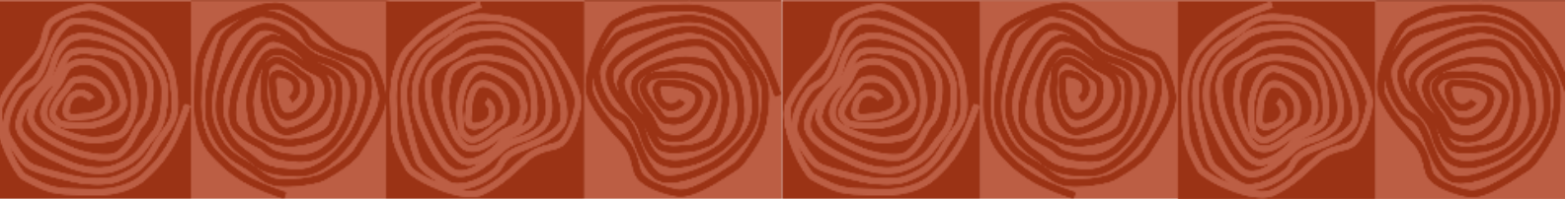
O artigo investiga a paisagem urbano-portuária latino-americana a partir de uma perspectiva decolonial, tomando o Cais do Valongo — lugar de memória, apagamento e reinscrição — como campo empírico de análise. A pesquisa adota a errância como método estético e formativo, entendendo o caminhar como gesto que lê e escreve o território, capaz de ativar formas de percepção que ultrapassam o visível. A partir de referências como Solà-Morales, Corboz, Careri, Benjamin, Didi-Huberman e Gilroy, a paisagem é abordada como experiência temporal e palimpséstica, na qual camadas de história, violência e sobrevivência coexistem em tensão. As visitas de campo realizadas ao longo de três anos revelam como luz, movimento, silêncio e usos cotidianos reconfiguram o sítio arqueológico, tornando perceptíveis vestígios e memórias que escapam às narrativas institucionais. O objetivo é demonstrar que a errância — enquanto prática sensível — constitui via para acessar um valor estético que conduz ao valor simbólico do território, permitindo reconhecer o Cais do Valongo como paisagem viva, onde as sobrevivências da diáspora persistem apesar dos apagamentos.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem; errância; palimpsesto; memória; Valongo.

ABSTRACT

This article investigates the Latin American urban-port landscape from a decolonial perspective, taking the Cais do Valongo — a site of memory, erasure, and reinstatement — as its primary field of observation. The research adopts errancy as an aesthetic and formative method, understanding walking as a gesture that reads and rewrites territory, activating forms of perception that exceed the merely visible. Drawing on authors such as Solà-Morales, Corboz, Careri, Benjamin, Didi-Huberman, and Gilroy, the landscape is approached as a temporal and palimpsestic experience in which layers of history, violence, and survival coexist in tension. Fieldwork conducted over three years reveals how light, movement, silence, and everyday uses reconfigure the archaeological site, making perceptible the traces and memories that escape institutional narratives. The study argues that errancy — as a sensitive practice — constitutes a pathway through which an aesthetic value leads to the symbolic value of the territory, allowing the Cais do Valongo to be recognized as a living landscape where the survivals of the African diaspora persist despite historical processes of erasure.

KEYWORDS: landscape; errancy; palimpsest; memory; Valongo.



1 INTRODUÇÃO

1.1 O que está escondido diante dos olhos?

Nem sempre, diante dos olhos, é possível perceber os vestígios produzidos pelo tempo. Há lugares onde a deslembração paira como uma névoa que entorpece os sentidos; a paisagem urbana, atravessada por ruídos e silenciamentos, torna-se opaca ao olhar habituado à repetição cotidiana. As cidades latino-americanas carregam marcas de colonização que não se deixam perceber de imediato: folhas escritas e apagadas, lembranças soterradas, fragmentos de histórias que sobreviveram apesar das tentativas de ocultação. São territórios psicogeográficos delineados por memórias que atravessam o espaço, mesmo quando nada, à primeira vista, parece revelar essas camadas.

A superfície urbana funciona como substrato onde permanências e ressignificações coexistem. Não se trata apenas da passagem do tempo, mas da simultaneidade de registros heterogêneos — ruídos, traços e sinais deixados por experiências que nunca desapareceram por completo. A memória, por vezes, estende-se como cenário: avesso do mesmo lugar, revelando-se apenas a quem se detém para ver.

Em cidades conformadas pela violência colonial e pela escravidão, o esquecimento não é acaso, mas instrumento. Narrativas dominantes privilegiam legados eurocentrados, silenciando experiências e sujeitos subalternizados. O visível transforma-se em vestígio; o vestígio, em ruína; a ruína, em silêncio. Investigar o que está diante dos olhos é, assim, gesto de desvelamento — convite a aprender a ver o que a cidade tenta manter velado.

1.2 O que é o Cais do Valongo e por que permanece invisível?

O Cais do Valongo constitui um dos mais significativos marcos da diáspora africana nas Américas. Localizado na região portuária do Rio de Janeiro, foi, no século XIX, o principal local de desembarque de africanos escravizados. Em 2017, recebeu o título de Patrimônio Mundial da UNESCO, reconhecimento que, em tese, asseguraria sua centralidade como lugar de memória. Contudo, apesar do tombamento, permanece pouco integrado ao imaginário urbano: visitado por poucos, compreendido por menos ainda.

Essa invisibilidade resulta de intervenções sucessivas — aterros, reformas portuárias, obras de modernização, escavações arqueológicas — que apagaram e revelaram o sítio em diferentes momentos. A recente patrimonialização reforça essa ambiguidade: expõe a materialidade, mas limita sua leitura à superfície, deixando de integrar dimensões sensíveis, culturais e históricas que escapam ao enquadramento institucional.

Entre reconhecimento formal e esquecimento cotidiano, instala-se um descompasso. O Cais aparece como vestígio, mas não como presença ativa; como documento, mas não como experiência urbana. Seu apagamento é produzido tanto pelo tempo quanto por políticas de visibilidade que determinam o que merece centralidade e o que pode ser mantido à margem.

1.3 Errância: caminhar é lançar luz sobre o vazio

O caminhar, entendido como prática estética e crítica, abre possibilidades de leitura que ultrapassam a racionalidade dos trajetos cotidianos. Ao deslocar-se sem finalidade utilitária, a errância ilumina zonas pouco percebidas — o “vazio” que não corresponde à ausência, mas ao campo de significados ainda não elaborados. Esses intervalos guardam fragmentos sensíveis que permanecem opacos aos olhares apressados: silêncios, percursos interrompidos, marcas que não participam da narrativa oficial.

A errância lê e escreve o espaço simultaneamente, produzindo conhecimento inseparável da presença corporal. Contém valores estéticos, pois afina a percepção para detalhes, fluxos e atmosferas; e valores simbólicos, pois toca camadas de memória que o urbanismo tende a apagar. No Cais do Valongo, onde a ruína é também cicatriz histórica, caminhar torna-se ferramenta de compreensão: gesto formativo capaz de revelar o que permanece encoberto.

1.4 Objetivo

Compreender a paisagem para além da materialidade imediata, tomando a errância como prática formativa capaz de ampliar a consciência sobre o território. Através do caminhar — enquanto deslocamento atento e crítico — busca-se revelar camadas simbólicas e temporais do Cais do Valongo, evidenciando vestígios e sobrevivências que permanecem velados na experiência urbana cotidiana.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A paisagem como experiência temporal

A paisagem, enquanto categoria perceptiva, constitui-se como campo de transfigurações contínuas. Para Ignasi de Solà-Morales, o espaço urbano incorpora temporalidades e movimentos múltiplos, de modo que o olhar nunca encontra uma cena fixa, mas expressão transitória de processos históricos em constante devir (SOLÀ-MORALES, 2002). O contexto físico ultrapassa sua aparência imediata: revela-se na duração, nos ritmos e nas metamorfoses que configuram a cidade.

Essa compreensão dialoga com André Corboz, que identifica no território uma escrita permanente, sujeita a rasuras, substituições e reincidências (CORBOZ, 2001). O espaço urbano apresenta-se como tecido composto por marcas sobreviventes e traços sobrepostos — alguns revelados, outros latentes — formando complexa espessura histórica. A cidade é campo onde memórias materiais e imateriais disputam visibilidade.

No Cais do Valongo, essa dinâmica se evidencia exemplarmente. Soterrado, redescoberto e reorganizado, o sítio revela camadas que pertencem a diferentes épocas e que, contudo, coexistem na mesma superfície. Suas pedras expostas não apenas registram o passado: denunciam apagamentos, descontinuidades e reescritas sucessivas.

2.2 Errância e aprendizado sensível



A errância constitui forma de leitura da cidade capaz de apreender dimensões invisíveis à observação imediata. Walter Benjamin identifica no olhar errante — que recolhe fragmentos, signos e detalhes — uma experiência capaz de captar lampejos significativos que não se integram à narrativa dominante (BENJAMIN, 1997).

Paola Berenstein Jacques reforça o corpo como principal instrumento de leitura urbana, sensível às tensões, atmosferas e intensidades que escapam às representações técnicas (JACQUES, 2007). O deslocamento corporal produz conhecimento ao ativar uma forma de atenção que reconhece nuances e fissuras invisíveis à cartografia tradicional.

Assim, a errância constitui método formativo: permite que o sujeito aprenda a ver o que está velado — não por estar oculto fisicamente, mas por ter sido neutralizado pela rotina ou pela institucionalização do espaço.

2.3 Vestígios, sobrevivências e transterritorialidade

A articulação entre temporalidade e errância aprofunda-se ao considerar os conceitos de vestígio e sobrevivência. Para Georges Didi-Huberman, os vestígios não são restos mortos, mas fragmentos vivos que persistem apesar da destruição, operando como cicatrizes que revelam continuidades e traumas (DIDI-HUBERMAN, 2017). A ruína é forma de presença: pulsa entre perda e permanência.

Walter Benjamin amplia essa compreensão ao afirmar que o passado irrompe em lampejos capazes de iluminar o presente, sobretudo em contextos de perigo e esquecimento (BENJAMIN, 1997). A errância permite encontrar esses lampejos na paisagem urbana.

Paul Gilroy introduz a dimensão da diáspora, compreendendo o Atlântico Negro como espaço de circulação de saberes, linguagens e sensibilidades que constituem memórias transterritoriais (GILROY, 2001). A memória não se fixa em um único território: desloca-se, ressoa, reaparece.

No Valongo, vestígios arqueológicos convivem com memórias culturais e práticas sociais, formando campo onde sobrevivências emergem na materialidade e no corpo que atravessa o lugar.

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E VISITAS DE CAMPO

A pesquisa adotou a errância como procedimento metodológico central. As observações de campo ocorreram ao longo de três anos, em diferentes períodos do dia, permitindo captar variações de luz, fluxo e apropriação do espaço. Os percursos foram realizados na região do Cais do Valongo e em todo o território da Pequena África, incluindo rua Camerino, Largo do Depósito, Jardim do Valongo, Pedra do Sal e entorno do Instituto Pretos Novos.

A metodologia privilegiou deslocamentos não lineares, guiados por estímulos sensoriais e pela observação direta. Registros fotográficos, vídeos e anotações atuaram como dispositivos de leitura da paisagem, revelando tanto elementos materiais — fragmentos do pavimento, camadas urbanas, marcas de intervenção — quanto dimensões subjetivas: ambiências sonoras, vazios, ritmos, tensões.

A revisão bibliográfica incluiu obras essenciais para a historiografia do Valongo, como *Cais, à flor da terra* (PEREIRA) e *Valongo: o mercado de almas da praça carioca*



(HONORATO), além da análise dos modos como o sítio emergiu na mídia ao longo das últimas décadas.

A observação de práticas culturais locais — rodas de samba, cortejos, usos informais — complementou a leitura da paisagem. Contudo, foi o método da errância que se mostrou fundamental para compreender nuances e sobrevivências que escapam à leitura institucional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O visível e o velado

O Cais do Valongo apresenta um paradoxo central: reconhecido como Patrimônio da Humanidade, permanece, no cotidiano, como presença marginal. Suas pedras ordenadas pela arqueologia revelam apenas uma fração do que o lugar contém. O visível — o pavimento, os muros, a musealização — funciona como superfície mínima de uma história cuja maior parte permanece em sombra.

Essa fratura entre o que se mostra e o que escapa pode ser compreendida a partir de Walter Benjamin, para quem a memória irrompe como lampejo, iluminando fragmentos que insistem em retornar (BENJAMIN, 1997). No Valongo, esses lampejos aparecem no contraste entre o arranjo material e as experiências humanas que ali foram interrompidas. Entre pedra e ausência, forma-se um intervalo denso, onde a ruína opera como cicatriz.

Georges Didi-Huberman aprofunda essa dimensão ao entender o vestígio como sobrevivência — aquilo que permanece mesmo diante de destruições sucessivas (DIDI-HUBERMAN, 2017). O Valongo evidencia essa condição: a organização arqueológica não contém a violência que originou o sítio; apenas a indica. A cidade, ao ordenar o visível, tenta estabilizar aquilo que não se estabiliza.

Durante as observações de campo, essa ambiguidade se tornou evidente. Em certos momentos, o sítio parecia quase desabitado; em outros, era atravessado por fluxos de trabalho, turismo e circulação cotidiana. Entre esses usos, emergiam camadas frequentemente excluídas da representação patrimonial: apropriações informais, práticas culturais, ritmos sociais que convivem com a ruína mas raramente são reconhecidos como memória.

O Valongo se apresenta, portanto, como paisagem partida: documento e silêncio, presença e ocultamento. O visível não encerra o sentido — apenas aponta para aquilo que continua sob a superfície e ainda precisa ser lido.

4.2 A paisagem como palimpsesto

O Cais do Valongo só se torna plenamente inteligível quando compreendido como conjunto de camadas. Cada intervenção — soterramento, escavação, reorganização — adicionou novas escritas sobre as anteriores, conformando um território cuja leitura se dá pela sobreposição. A paisagem não é ruína única, mas palimpsesto: superfície onde diversas temporalidades coexistem de forma incompleta, rasurada e persistente.

André Corboz descreve o território justamente como escrita permanente, sujeita a substituições e reincidências (CORBOZ, 2001). No Valongo, essa escrita aparece na



heterogeneidade do pavimento, nas rupturas entre níveis, nos fragmentos de pedra que não pertencem inteiramente a nenhum período. Cada camada reorganiza as anteriores sem anulá-las — e é dessa tensão que emergem seus significados.

Ignasi de Solà-Morales propõe entender a paisagem como expressão do tempo e do movimento, resultado das transformações que reorganizam a experiência sensível (SOLÀ-MORALES, 2002). No Valongo, essa temporalidade se manifesta na própria percepção: a luz modifica a visibilidade da ruína ao longo do dia; os fluxos urbanos aproximam ou distanciam o olhar; o entorno se impõe ou se retira conforme o ritmo do espaço.

Ao longo dos três anos de observação, tornou-se evidente que o Valongo não é plenamente captável em uma única visita. Em diferentes horários, o pavimento emergia ou desaparecia; fragmentos antes ignorados se tornavam centrais; limites antes nítidos dissolviam-se no entorno. O sítio comporta presenças intermitentes, revelando-se sempre de modo parcial.

A arqueologia expõe fragmentos, mas não os totaliza. Muitas camadas permanecem soterradas — física ou simbolicamente. O Cais é simultaneamente documento e silêncio: ruína que testemunha, mas também estrutura que omite. As imagens de campo registraram fissuras, desníveis e marcas que configuram a complexidade temporal do sítio, evidenciando que ali o tempo não se lineariza — ele se estratifica.

Compreender o Valongo como palimpsesto é, portanto, reconhecer que sua leitura depende da atenção às camadas que sobrevivem e às que foram ocultadas. Essa condição será retomada nas considerações finais, pois ela define a própria forma de aproximação do território.

4.3 A errância como gesto formativo

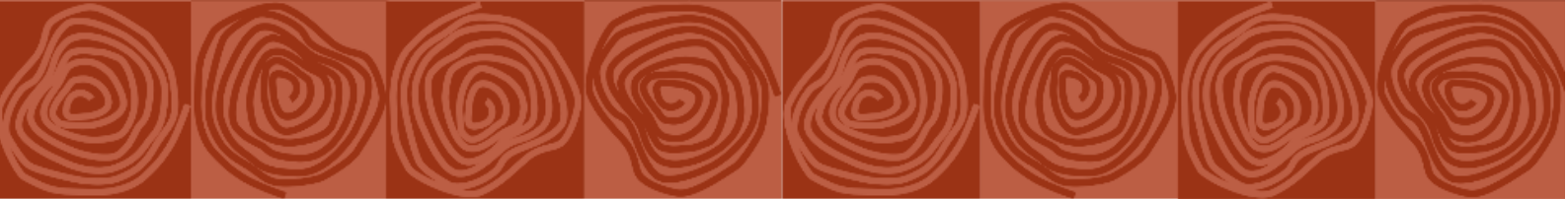
A errância constitui modo de conhecer que emerge do deslocamento sensível. Ao se afastar do trajeto funcional e permitir-se o imprevisível, o caminhar transforma-se em instrumento perceptivo que revela aquilo que o olhar habituado tende a ignorar. Para Francesco Careri, essa prática envolve ler e escrever o espaço ao mesmo tempo, produzindo sentido a partir da presença corporal (CARERI, 2002).

Michel de Certeau reforça essa compreensão ao descrever o ato de caminhar como tática que desestabiliza a ordem planejada da cidade (CERTEAU, 1994). O caminhante inventa caminhos, reinterpreta o espaço, produz outras cartografias. A errância permite identificar tensões e contradições que não aparecem nos mapas.

No Valongo, essa leitura foi aprofundada pela repetição dos percursos em diferentes horários, ritmos e condições. O sítio se transformava conforme a luz, o fluxo de pessoas, os cheiros, as sonoridades. Em certos momentos, parecia centro; em outros, limite. O caminhar registrava essas variações: superfícies gastas, remendos, camadas expostas, interrupções, zonas em disputa.

O vazio percebido não era ausência, mas densidade. Nele, passado e presente se friccionam. A errância permitiu aproximar-se desses intervalos, revelando dimensões que escapam à musealização — silêncios, descontinuidades, marcas de uso que compõem o território.

Assim, o caminhar configurou-se como gesto formativo: refinou a percepção, ensinou a ver o que a rotina naturaliza, abriu espaço para reconhecer sobrevivências que não estão materializadas, mas habitam o lugar. No Cais do Valongo, onde a cicatriz



histórica estrutura o território, essa prática se torna indispensável para compreender o que o sítio mostra e o que continua a exigir leitura.

4.4 Ecos da memória: vozes e sobrevivências

A paisagem do Cais do Valongo não se limita ao material exposto. Entre ruína e vazio, emergem vozes que resistem ao apagamento — práticas culturais que reinscrevem o território e atualizam a memória da diáspora. No entorno, o samba, a música, a roda, o cortejo e outras expressões negras operam como narrativas vivas que mantêm o passado em circulação.

Walter Benjamin descreve a memória como lampejo que irrompe e desafia o presente homogêneo (BENJAMIN, 1994). Essas manifestações funcionam exatamente assim: fazem vibrar aquilo que a cidade tentou silenciar. Didi-Huberman entende a sobrevivência como forma que persiste porque conserva força e dor (DIDI-HUBERMAN, 2017). No Valongo, ela se expressa tanto na ruína arqueológica quanto no corpo que atravessa o espaço e reinscreve saberes.

Paul Gilroy amplia essa compreensão ao conceber o Atlântico Negro como campo de deslocamentos, ressonâncias e transterritorialidades (GILROY, 2001). A memória da diáspora circula, retorna, se adapta — e essa circulação se manifesta no território como presença afetiva e cultural.

Assim, o Valongo revela uma memória que não está fixa no solo, mas pulsa nas práticas sociais; uma memória que não é preservação estática, mas continuidade vivida. Compreender o lugar exige escuta: atenção aos fragmentos que sobrevivem, aos gestos que retomam o passado e aos corpos que o reinscrevem no presente.

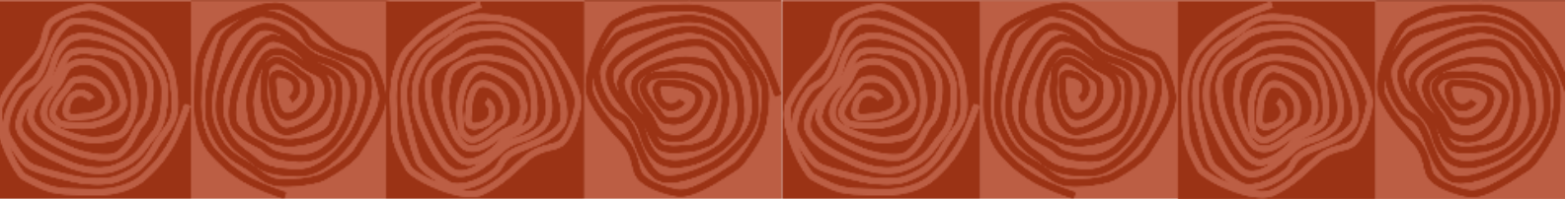
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso deste trabalho, tornou-se evidente que o valor estético não reside na contemplação formal do sítio arqueológico, mas na própria prática de caminhar: deslocar-se com atenção, suspender o automatismo da rotina e permitir que o corpo experimente o território. Esse gesto estético — de ver com cuidado, de habitar o tempo do lugar, de deixar-se afetar pelas frestas do espaço — abre uma via de reconhecimento que a simples observação distanciada não alcança. O caminhar educa o olhar e o torna capaz de perceber aquilo que geralmente permanece invisível.

É precisamente essa abertura estética que permite acessar um valor simbólico mais profundo. Ao observar o Cais do Valongo como paisagem palimpséstica, compreende-se que suas camadas — soterradas, expostas, reorganizadas — guardam sentidos que não se apresentam de imediato. Identificar essas sobreposições, mesmo quando estão parcialmente apagadas ou escondidas sob novas formas urbanas, é reconhecer a presença de uma memória que subsiste apesar das tentativas de silenciamento. Assim, o valor simbólico emerge da capacidade de encontrar sentido em meio à saturação informacional da cidade e de decifrar, nas lacunas, aquilo que permanece como sobrevivência histórica.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1994.



BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** São Paulo: GG, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CORBOZ, André. **Le territoire comme palimpseste.** Paris: Champ Vallon, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas.** São Paulo: Editora 34, 2017.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência.** São Paulo: Editora 34, 2001.

HONORATO, Cláudio de Paula. **Valongo: o mercado de almas da praça carioca.** Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. **Zonas de Tensão.** Salvador: EDUFBA, 2007. *(Se quiser manter 2010 como você colocou, posso ajustar — mas a edição original é 2007.)*

PEREIRA, Júlio César de Medeiros da Silva. **À flor da terra: o cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Paisajes.** Barcelona: Gustavo Gili, 2002.